

SÃO JOAQUIM DA BARRA

Fomos visitar a vizinha São Joaquim da Barra, terra de artistas como Norberto Stori, Geraldo Lara, Toninho Delmônaco e Rolando Boldrin. Por conta da interdição da rodovia que liga de forma direta as duas cidades (uma ponte corria risco de ruir), optamos por fazer um caminho mais longo e pedagiado, porém mais seguro. Fomos até Batatais e de lá seguimos a Sales de Oliveira e depois pela via Anhanguera até chegar a São Joaquim, terra onde viveu meu amigo e colega de infância Marinho Lamberti, parceiro da memorável versão fake da “II Guerra Mundial” que montamos no quintal da minha casa durante todo um mês de férias em julho de 1964. Minha mãe tinha que pendurar a roupa no varal evitando pisar nos soldadinhos de chumbo, tanques e aviões, com o mapa mundi desenhado a giz no chão cimentado, palco das batalhas de Stalingrado e da campanha do Afrika Korps de Rommel.

Em 1966 a família de Marinho se mudou para São Joaquim e fui visitá-lo, lembro das fachadas simples das casas marcadas pelo barro escuro das ruas sem pavimentação. Fomos muito próximos na infância, mas o tempo e as circunstâncias da vida nos separaram, embora tenhamos ainda contatos esporádicos. Marinho vive agora em Campinas, engenheiro e administrador de grandes empresas. Mas o mundo é pequeno.

Ao circular pela cidade a pé para cumprir nossos compromissos, visitamos a igreja matriz na praça principal da cidade, uma das primeiras modernistas da região. São Joaquim é bem mais nova que Franca, desenvolveu a partir da chegada da ferrovia Mogiana. Sua capela inicial foi inaugurada em 1904, substituída por uma igreja mais ampla em 1913, também demolida em 1963 para a construção da nova matriz, uma iniciativa do pároco à época, Padre Mário.

O padre Mário Lano era italiano e chegou na cidade em 1958. Líder nato, tornou-se entusiasta da ideia de um projeto para construir uma nova igreja, maior, mais ampla para acolher os fiéis que lotavam a igreja existente, já pequena.

O projeto de arquitetura foi do engenheiro-arquiteto Ayrson Iabuti, de São Paulo, um sujeito com amplo conhecimento de história da arte e excelente desenhista. O projeto de teor modernista é uma grande caixa monobloco de linhas retas e uma torre isolada do corpo do edifício. Segundo o arquiteto Toninho Delmônaco, que pesquisou o projeto a fundo, o templo foi concebido tecendo relações geométricas simbólicas, alinhadas aos princípios da Geometria Sagrada, observando-se os grandes quadrados em cada elevação lateral, ou então, sua torre com 33 metros de altura, a idade de Cristo. A construção ficou a cargo do engenheiro civil Hélio Foz Jordão, de Ribeirão Preto, que também tinha inclinações modernistas. Iabuti projetou também a igreja matriz de Guaira, próxima a São Joaquim. A via sacra e outras obras de arte modernas que ornaram o templo, como o Cristo, a Nossa Senhora e o São Joaquim foram realizadas pelo artista Lélío Coluccini, de Campinas. Iniciada em 1964, a nova igreja matriz foi inaugurada em 1969.

Há várias construções antigas interessantes na cidade, algumas bem preservadas. Almoçamos numa dessas construções com amigos artistas da cidade, até que um deles reconheceu um primo do Marinho Lamberti ao nosso lado, com quem lembramos outros tempos e como o mundo é pequeno. Fizemos questão de retornar à velha estação ferroviária, hoje um centro cultural, para pisar as pedras que viram Rolando Boldrin partir de trem para São Paulo rumo ao estrelato e relembrar um “causo” contado num seu programa.

Havia um fã, admirador incondicional da Hebe Camargo que ia a todos os seus programas de auditório, sentava na primeira fila, aplaudia, ria, era o maior fã da apresentadora que foi casada com um francano da família Ravagnani. A Hebe mudava de canal, lá estava o fã, era participante, reconhecido pela própria Hebe, onde ela ia, ia atrás. Certa noite, o sujeito não apareceu pela primeira vez e Hebe percebeu. Logo que o programa terminou, perguntou a sua assistente de

palco se havia visto o tal fã, ninguém o tinha visto. Deu ordem para sua produção procurar o sujeito, ligaram e souberam que sua mãe havia falecido, estava no velório. Hebe não teve dúvidas, pegou o carro e foi até lá para dar os pêsames a um fã tão incondicional. Lá chegando, ao entrar, viu o sujeito velando a mãe no centro da sala, diante do caixão. Ao ouvir o barulho das pessoas diante da entrada apoteótica da famosa apresentadora, virou-se para ver o que estava acontecendo e não resistiu: “Hebe, você veio ao velório da minha mãe! Esse é o dia mais feliz da minha vida”.

Mauro Ferreira é arquiteto